

*A história de Winnicott e o cuidado com crianças no ambiente da escola
maternal¹*

Daniela Guizzo
IBPW/IWA

Iniciarei este trabalho com uma poesia escrita por Winnicott que consta no livro biográfico de Adam Philips sobre o autor. Ele enviou esta poesia para seu cunhado, irmão de sua primeira esposa, confidenciando que havia sido muito custoso para ele escrevê-la (2006, p.55).

A árvore

*A mãe lá embaixo está chorando,
chorando,
chorando.
Desta forma a conheci.
Uma vez esticado em seu colo,
como agora em morta árvore.
Eu aprendi a fazê-la sorrir,
a deter suas lágrimas,
a desfazer sua culpa,
a curar sua morte interior.
Vivificá-la era o meu viver.*

Philips escreveu que é possível que ao redigir o poema Winnicott estivesse lembrando-se de uma experiência remota da depressão de sua própria mãe e de como estas questões não lhe passaram despercebidas durante sua vida e seu amadurecimento pessoal e profissional. O poema fala do colo materno, de sua sustentação e das emoções da mãe, questões que foram muito caras para ele na consolidação, estruturação, organização para fins teóricos e clínicos do que ele nominou como teoria do amadurecimento.

A experiência inicial da vida de uma criança, a forma como a mãe a sustenta fisicamente e emocionalmente, a forma como o ambiente próximo ampara esta mãe para que esta

¹ Artigo escrito para a aula de abertura do curso de qualificação para os alunos funcionários da UNAS (União de núcleos, associação de moradores de Heliópolis e região).

sustentação aconteça de modo protegido – especialmente no início da vida – constituem a base da teoria do amadurecimento.

O biógrafo Adam Phillips escreveu: “Este poema alude às preocupações centrais de Winnicott como clínico; às formas como as crianças tentam lidar com a ausência da mãe, a ausência que pode ser caracterizada pela presença física da mãe em um estado depressivo, ou qualquer outro estado de retraimento, em que a qualidade da atenção não seja confiável” (Phillips, 2006, p. 57).

Winnicott nasceu na Inglaterra em 1896.

Em 1916, Winnicott foi estudar medicina no Jesus College, em Cambridge.

Seu primeiro ano foi de um ciclo básico de ciências naturais, onde ele foi fortemente influenciado por Darwin e seus estudos sobre a importância do ambiente e suas formas de evolução.

Em 1918 ele fez residência em medicina infantil no Bartholomew’s Hospital, em Londres. Segundo seu colega pediatra Jack Tizard: “Donald Winnicott tinha os poderes mais espantosos com crianças, dizer que ele compreendia as crianças para mim soaria falso e vagamente condescendente: tratava-se mais do fato de que as crianças o compreendiam” (2006, p. 62).

Pensando sobre essas reflexões de Tizard, também podemos dizer que aqui já se encontram as origens do que Winnicott iria teorizar ao estruturar a teoria do amadurecimento no que se refere à necessidade de adaptação do ambiente à criança, e não o contrário. As crianças o compreendiam porque ele exercia sua capacidade pessoal de se adaptar a elas, de entendê-las, de aguardar seu gesto espontâneo para, daí sim, fazer uma comunicação de sua parte. Quando Tizard fala que as crianças o compreendiam, ele está falando sobre a capacidade de Winnicott em facilitar a possibilidade de uma comunicação, do estabelecimento de um contato que não seja invasivo ou antecipado, para além da necessidade da criança.

Em 1919 Winnicott leu *A Interpretação dos Sonhos*, de Freud.

Em 1923 Winnicott se qualificou como Consultor em Medicina de Crianças e começou a trabalhar no Queen’s Hospital for Children e no Paddington Green Children’s Hospital e iniciou sua análise com James Strachey.

Em 1926 Melanie Klein chega a Londres. Ela e Anna Freud iniciaram trabalhos psicanalíticos com crianças. Naquela época, nenhum outro analista era também pediatra, então por duas ou três décadas, Winnicott foi um fenômeno isolado:

Por ser um pediatra com talento para conseguir que a mães me contassem sobre seus filhos e sobre a história precoce dos distúrbios de suas crianças, fiquei logo em posição de ficar impressionado tanto pelo *insight* que a psicanálise dava das vidas das crianças como por uma certa deficiência na teoria psicanalítica (...). (1962a/1983, p. 157)

Quando Winnicott começa a enxergar o que ele descreveu como “deficiência na teoria psicanalítica”, ele começa a notar que questões cruciais para a constituição do si-mesmo, para o estabelecimento da psique no corpo, para a percepção do eu e do não-eu, entre tantos outros profundos apontamentos descritos tão bem na teoria do amadurecimento, se encontravam em estados anteriores aos que estavam sendo analisados por Freud, Klein e Anna Freud. O mesmo ocorria quanto ao valor que ele dava para o ambiente no qual um bebê estava inserido ao nascer. Desta forma, com tais questionamentos, cada vez mais ele ia se consolidando como psicanalista original, criativo e revolucionário. É nesse contexto de análises críticas e divergências teóricas que Winnicott vai se tornando um dos maiores psicanalistas de sua época.

Winnicott foi incansável na luta pela a saúde das famílias, estudou, escreveu e participou ativamente com contribuições incomparáveis e inalcançáveis dentro da história da psicanálise no que se refere a problemas relacionados a crianças: a agressividade, a tendência antissocial, a conquista da capacidade para a moralidade, os problemas dentro das escolas, dentro dos lares, dentro das instituições que abrigavam crianças em conflito com a lei, ou instituições que cuidavam de crianças em processo de adoção, ou de crianças separadas de seus pais por conta da guerra.

O tema da educação também foi profundamente estudado pelo autor. Apenas para fins ilustrativos dessa profundidade de que estou falando, citarei alguns títulos de artigos dele sobre o tema, por exemplo: “Moral e educação”, “Saber e aprender”, “Higiene mental da criança pré-escolar”, “A professora, os pais e o médico”, “O aprendizado infantil”, “A mãe, a professora e as necessidades da criança”, “Diagnóstico educacional”, “Educação sexual nas escolas”, entre outros.

No texto “Moral e educação”, de 1962, Winnicott fez um importantíssimo estudo sobre a capacidade de uma criança para ser educada moralmente. Ele escreveu sobre o

desenvolvimento na criança da capacidade para ter um senso moral, para experimentar o sentimento de culpa e para estabelecer um ideal. O autor apontou que as ideias de certo e errado se desenvolvem da elaboração de processos internos da criança e que isso poderia ser chamado de evolução de um superego pessoal (1962b/1983, p.89). Vejam quantas inovações teóricas próprias da originalidade de Winnicott e de sua visão ampliada sobre psicanálise e educação.

Nesse texto, ele pontuou também de forma especialmente criativa e questionadora que a educação religiosa fez muito do pecado original, mas não chegou à ideia da bondade original. Winnicott escreveu que a educação religiosa tirou da criança o bom em desenvolvimento e estabeleceu um esquema artificial para injetar de volta o que lhe tinha sido tirado e denominou isso de educação moral. Winnicott dirigiu-se ao educador moral e afirmou que o seu êxito irá depender da existência, na criança, um tipo de desenvolvimento que possibilite a ela aceitar a educação moral como uma projeção da bondade que é própria dela mesma, de sua experiência real vivida (1962b/1983, p.89).

Outra questão importante muito presente em escolas maternas e que é abordada por Winnicott é questão da obediência. Winnicott escreveu que a obediência traz recompensas imediatas e os adultos que trabalham com crianças confundem, com excessiva facilidade, obediência com crescimento, mas o que se revelará com o excesso de obediência é um falso *self*, um *self* ator, uma cópia de alguém que é privado da experiência de viver, de desobedecer, de usar sua agressividade em processo de integração. Nas palavras de Winnicott: “êxito irreal é moralidade de baixo calão” (1962b/1983, p.96). Em “Moral e educação”, Winnicott procurou dialogar com o educador, com o professor, sobre as melhores formas de acessar a possibilidade de uma educação para a moralidade.

Num texto de 1953 intitulado “A mãe, a professora e as necessidades da criança” (1953/2017), Winnicott escreveu sobre a função da escola maternal e disse que ela não é um substituto para a mãe ausente, mas tem sim um importante papel em suplementar e ampliar o papel que nos primeiros anos só a mãe desempenha. O autor afirmou que somente à luz do papel da mãe e das necessidades da criança é que se pode conseguir uma compreensão real da maneira como a escola maternal pode dar continuidade ao trabalho da mãe (1953/2017, p. 214).

Ele acrescentou que a professora maternal não está biologicamente orientada para qualquer criança, exceto de um modo indireto, através da identificação com uma figura materna. Winnicott escreveu que uma professora do maternal precisa ser levada gradualmente a compreender que está na presença de uma psicologia complexa de crescimento e adaptação

infantil e que necessita de condições especiais do meio ambiente. Para ele, é o exame das crianças cuidadas pela professora maternal que poderá habilitá-la a reconhecer a natureza dinâmica do crescimento emocional normal (1953/2017, p. 215).

Winnicott pontuou que em casos de fracasso da família, a escola maternal tem a oportunidade de suplementar e corrigir, caso o fracasso não tenha sido tão grave e é por esta razão que uma professora precisa aprender sobre a importância dos cuidados maternos iniciais (1953/2017, p. 216).

Winnicott assinalou que a escola maternal pode oferecer, por algumas horas diárias, uma atmosfera emocional que não é tão densamente carregada como a do lar e isso propiciará para a criança uma pausa. O autor ressaltou que novas relações triangulares menos intensamente carregadas podem ser formadas e expressas entre as próprias crianças. Para ele, a escola é um apoio, mas não é uma alternativa para o lar da criança; ela pode fornecer oportunidades para uma profunda relação pessoal com outras pessoas que não os pais e essas oportunidades apresentam-se na pessoa das professoras e dos colegas e no estabelecimento de uma sólida estrutura em que as experiências podem ser realizadas (1953/2017, p. 217).

Para Winnicott, é na educação da escola maternal que são criadas condições propícias para o que é intermediário entre o sonho e o real. É lá que as brincadeiras são respeitadas de modo positivo e aprendem histórias, desenhos e música. Ela pode ajudar a criança e encontrar uma relação operante entre as ideias que são livres e o comportamento que precisa tornar-se relacionado com o grupo (1953/2017, p. 219).

Winnicott também ressaltou que a professora maternal pode auxiliar as mães a terem mais fé em si mesmas, assim como contribuir para o enriquecimento das relações pessoais da criança com a própria família, apresentando um mundo mais vasto de pessoas e oportunidades. O autor escreveu que relações sinceras e cordiais entre a professora e a mãe podem suscitar um sentimento de confiança na mãe e tranquilizar uma criança (1953/2017, p. 221).

Para ele, existe um processo duplo entre o lar e a escola: as tensões que são geradas num ambiente se manifestam como perturbações no comportamento do outro. Quando, por exemplo, o comportamento da criança é perturbado em casa, a professora pode frequentemente ajudar a mãe a compreender o que está acontecendo, com base em sua experiência dos problemas da criança na escola (1953/2017, p. 223).

Outro trabalho com reflexões importantíssimas sobre educação foi escrito em 1946, “Diagnóstico educacional” (2014/2017). Nele, Winnicott coloca a seguinte questão: “O que pode um médico dizer de útil a um professor?” (2014/2017, p. 231). Ele estava preocupado com a maneira com que um grande número de crianças era educado sem que elas fossem submetidas a um diagnóstico, e afirmou que poderia ser útil para um médico mostrar o que poderia ser considerado um ganho caso algo equivalente a um diagnóstico médico pudesse ser realizado no mundo do ensino (2014/2017, p. 232). Mas o autor não estava falando de diagnósticos de avaliação de QI, ou psiquiátricos ou dos distúrbios de aprendizagem; ele estava falando do diagnóstico maturacional.

Ele tratou, naquele texto, da possibilidade de a escola identificar, dentro do grupo de crianças, aquelas a quem falta um bom lar e aquelas que possuem realmente um bom lar. Winnicott pontuou a diferença dentro de um grupo de uma criança que, amparada por um bom lar, já alcançou o estágio do concernimento e é uma criança mais confiante em si mesma, e outra, que ainda não alcançou essas conquistas do amadurecimento. O autor ressaltou também que se trata de um assunto complexo e fez a diferença entre escola públicas e privadas em relação a essas questões.

Vejam que trata-se de um texto de 1946. Winnicott estava se apropriando cada vez mais de sua criação – a teoria do amadurecimento –, ele estava consolidando os conceitos de estágio do concernimento, sobre a privação, sobre a conquista do Eu Sou, sobre a necessidade dos cuidados ambientais suficientemente bons para que o amadurecimento aconteça de modo seguro, estável, confiável e previsível.

Outro tema importante que envolve educação foi trabalhado pelo autor em 1949. Trata-se do tema da educação sexual, abordado no artigo “Educação sexual nas escolas” (1949/2017, p. 243). Winnicott escreveu que as pessoas impelidas a ensinar sexo para as crianças deveriam ser desencorajadas. Uma pessoa de fora da escola não deveria dar esse tipo de palestra e ir embora. O autor afirmou que o mais importante sobre sexo é a descoberta do mesmo pelo indivíduo (1949/2017, p. 244).

Para ele, o problema a respeito de lições sobre sexo é elas trazerem algo difícil e íntimo para a vida das crianças em momentos escolhidos ao acaso, em lugar de corresponderem a uma acumulação de necessidades na criança. Winnicott apontou outra desvantagem desse tipo de palestras em escolas: o fato de elas raramente darem uma imagem verdadeira e completa, pois o palestrante terá suas predileções pessoais em relação ao feminismo, sentimentalismo,

machismo etc. Winnicott escreveu que mesmo as melhores palestras sobre sexo empobrecem o assunto, o qual, quando abordado de dentro para fora, pela experimentação e pela experiência, tem o potencial de infinita riqueza. Para ele, seria mais lógico trabalhar estas ideias nas aulas de arte (1949/2017, p. 245).

Há um texto de 1938 muito interessante, sobre um assunto recorrente e desafiador para as escolas: “Timidez e perturbações nervosas nas crianças” (1938/2017). Ali, Winnicott se dirigiu a professores. Ele tratou especificamente do fato de os professores não terem a facilidade de um atendimento médico em atender uma criança de cada vez, porém, ele sugeriu aos professores que fizessem, na medida do possível, o acompanhamento da história da criança com esse tipo de problema, pois assim poderiam encaminhar melhor os cuidados com a criança dentro da escola.

A história de uma criança pode justificar seu comportamento na escola. Winnicott deu como exemplo crianças que estão indo muito bem na escola até que um irmão mais velho seja atropelado e morto, e a partir dessa data a criança se torna morosa, sujeita a dores nas pernas, sujeita a achar a escola desinteressante, passa a ter dificuldades em fazer/manter amigos. O autor pontuou que muitas vezes ninguém da escola se dá ao trabalho de investigar e juntar os fatos, pois muitas vezes os pais, que conhecem esses fatos, não os informam a escola, porque podem estar lidando com sua própria dor e, assim, ninguém percebe a relação existente entre a mudança no estado da criança e a perda na família (1938/2017, p. 239).

Nesse texto Winnicott escreveu também que muitas crianças excessivamente nervosas têm, em seu comportamento, uma expectativa de perseguição. Essas crianças podem apresentar perturbações no apetite e algumas vezes podem queixar-se que o professor(a) as agrediu (1938/2017, p. 241). São situações delicadas, com as quais as escolas têm que lidar. Winnicott sugeriu que o uso apropriado da história da criança pode ajudar a entender e direcionar os casos, se isso for combinado com o conhecimento do mecanismo de desenvolvimento emocional dela.

Em 1941, Winnicott escreveu o artigo “Sobre influenciar e ser influenciado” (1941/2017) e fez uma importante análise sobre o engano de se fazer avaliações dos métodos educativos em termos de êxito ou fracasso. O autor escreveu que o êxito de um aluno pode meramente significar que ele encontrou na subserviência o caminho mais fácil para lidar com determinado professor ou a engolir tudo sem inspeção crítica. E afirmou que isso significa a existência de uma completa negação de dúvidas. Para Winnicott tal estado de coisas seria

insatisfatório no que diz respeito ao desenvolvimento individual, e finalizou escrevendo: “Mas é matéria prima para um ditador”. Diz o autor ainda:

No nosso exame da influência e de seu lugar apropriado na educação, acabamos por ver que a prostituição da educação reside no uso errado do que poderia ser considerado o mais sagrado atributo da criança: as dúvidas sobre o eu. O ditador conhece tudo a tal respeito e maneja o poder mediante a oferta de uma vida isenta de dúvidas. Que monotonia! (1941/2017, p. 230)

Há também outro artigo importante sobre o tema da educação no livro *Pensando sobre crianças*, intitulado “A professora, os pais e o médico” (1936a/1997). Nele, o autor colocou a seguinte questão: “O que poderia reunir uma professora, uma mãe e um médico” – e ele mesmo responde: “A resposta, é claro, é que em algum lugar deste cenário existe uma criança” (1936a/1997, p. 89).

Para Winnicott a educação de uma criança normal é relativamente fácil, mas ele ressalta que há poucas crianças que podem ser chamadas de “normais” e questionou: “Será inclusive que nós queremos que elas sejam normais?” (1936a/1997, p. 89). Segundo o autor, isso dependerá da maneira pela qual definimos a palavra normal e que isso dependerá da avaliação do estado de amadurecimento em que uma criança se encontra (1936a/1997, p.89). Winnicott acrescentou que professores e médicos começam uma relação com uma criança com a vantagem de nunca terem tido os sentimentos intensos dos pais e seus conflitos inconscientes em relação a ela são menos intensos e perturbadores:

De fato, uma das principais funções de uma professora é estar *in loco parentis*, isto é, sem o laço emocional maximamente intenso que a mãe real e uma criança têm um com o outro. Porque o laço está lá, entre os pais e a criança, quer ele se mostre como amor, quer como ódio, quer como ambos, quer como indiferença, e é a fonte de tensões emocionais que deformam e inibem a educação. (1936a/1997, p. 91)

Nesse trabalho, Winnicott refletiu sobre a importância de professores e diretores obterem a história pessoal detalhada de seus alunos e consultassem esse material sempre que uma criança se destacasse como um candidato para um prêmio, ou como um caso para ir à enfermaria, ou como um monitor em potencial, ou como um caso de tendência antissocial, ou

como um caso de mau humor obstinado ou de acessos de raiva e assim por diante (1936a/1997, p. 95). Vejam quantos exemplos úteis do cotidiano de uma escola ele pontuou:

Uma cuidadosa história dos primeiros anos mostraria em quais crianças poderíamos esperar períodos de depressão, durante os quais as tentativas de forçar a alimentação, a felicidade ou o brincar seriam inúteis ou prejudiciais. Essa história nos diria quais crianças provavelmente seriam tímidas e sujeitas a serem incomodadas pelas outras, isto é, quais crianças teriam mais do que a sua cota de fantasia persecutória para manejar, e que, portanto, poderiam precisar da proteção de uma professora bastante dura, uma professora que seria inteiramente inadequada para um outro tipo de criança. (1936a/1997, p. 95)

Pode-se notar uma grande riqueza de detalhes na citação acima e constatar como Winnicott se preocupava com cada detalhe da história e do cotidiano de uma criança. Winnicott tomava como modelo a teoria do amadurecimento, o manejo da figura materna inicial, o manejo da família e o manejo do pediatra para incentivar profissionais da educação a refletir sobre a importância desse tipo de estudo e manejo quando se está diante de uma criança e de sua formação.

No trecho acima, Winnicott dá excelentes exemplos de como um professor pode manejar crianças com raiva, aquelas que chutam, mordem ou falam em matar, deu exemplos também de como lidar com crianças que precisam de ajuda em relação a fazer reparações, pedir desculpas, falou de crianças com habilidades para artes e inabilidades em outras questões.

Ainda em “A professora, os pais e o médico”, Winnicott escreveu que essas seleções e exames cuidadosos, um diretor experiente as faz num piscar de olhos; ao entrevistar o novo aluno e seus pais e ele às vezes se perguntava o que aconteceria se fossem feitas anotações sérias sobre a história inicial da criança, cuidadosamente extraída da mãe, pelo diretor. E pergunta: “Será que a mãe ficaria desconfiada?”. E ele mesmo finaliza a questão respondendo que talvez sim, mas que também haveria a oportunidade de a mãe sentir confiança, assim como poderia se sentir amparada (1936a/1997, p. 96). A escola deve ser um ambiente seguro para que esses processos possam acontecer.

Esta breve apresentação de uma coletânea de textos escritos por Winnicott sobre educação ao longo do tempo – desde os seus primeiros anos, quando ele estava transitando da pediatria para psicanálise (textos da década de 30) –, tem por finalidade demonstrar a grande importância da obra e da história desse autor tão criativo, lúcido, questionador, corajoso e

engajado. Nesta época, Winnicott estava questionando nada mais, nada menos que Melanie Klein, Anna Freud e as bases da psicanálise tradicional.

Eu finalizarei este artigo com um trecho da “Introdução” que Masud Kahn escreveu para o livro *Da Pediatria à Psicanálise* (1958/2000), na qual ele nos conta que Winnicott tinha uma satisfação especial em dar palestras para professores:

Para cada palestra que Winnicott era convidado a dar numa das chamadas “sociedades profissionais de alto nível”, ele deu pelo menos uma dúzia em reuniões de assistentes sociais, organizações de assistência à criança, professores, clérigos e assim por diante. Dava-lhe uma satisfação toda especial falar a pessoas comuns, gente profundamente preocupada em cuidar dos outros, fossem estas crianças, adultos em dificuldade ou pessoas perdidas num mundo que não conseguiam enfrentar. Uma das razões para isso era que nesses encontros ele aprendia mais do que nos debates com o aparato intelectual preestabelecido de seus colegas. Tinha horror às “sacadas” e malabarismos mentais em que o pensamento psicanalítico contemporâneo recai tão frequentemente. Além do mais, Winnicott sentia-se livre para apresentar o paradoxo que ele era a pessoas que estivessem interessadas mais em cuidar que em curar os psiquiatricamente doentes, fossem eles crianças ou adultos. (1958/2000, p. 24)

Winnicott foi membro da Unesco e do grupo de especialistas da OMS, além de professor convidado no Instituto de Educação da Universidade de Londres e na London School of Economics. Publicou livros e centenas de artigos. Entre 1939 e 1962, participou de diversos programas sobre maternidade na rádio BBC de Londres. Faleceu aos 75 anos em 25 de janeiro de 1971.

Referências

- Khan, M. M. (1958). Introdução de M. Masud R. Khan. In D. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 11-56). Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- Phillips, Adam (2006). *Winnicott*. São Paulo: Ideias e letras.
- Winnicott, D. W. (1936a). A professora, os pais e o médico. In D. Winnicott, *Pensando sobre crianças* (pp. 89-100). Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- Winnicott, D. W. (1936b). Higiene mental da criança pré-escolar. In D. Winnicott, *Pensando sobre crianças* (pp. 75-88). Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

- Winnicott, D. W. (1938). Timidez e perturbações nervosas nas crianças. In D. Winnicott, *A criança e o seu mundo* (pp. 238-242). Rio de Janeiro: LTC, 2017.
- Winnicott, D. W. (1941). Sobre influenciar e ser influenciado. In D. Winnicott, *A criança e o seu mundo* (pp. 225-230). Rio de Janeiro: LTC, 2017.
- Winnicott, D. W. (1946). Diagnóstico educacional. In D. Winnicott, *A criança e o seu mundo* (pp. 231-237). Rio de Janeiro: LTC, 2017.
- Winnicott, D. W. (1949). Educação sexual nas escolas. In D. Winnicott, *A criança e o seu mundo* (pp. 243-248). Rio de Janeiro: LTC, 2017.
- Winnicott, D. W. (1950). Saber e aprender. In D. Winnicott, *Os bebês e suas mães* (pp. 13-18). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1953). A mãe, a professora e as necessidades da criança. In D. Winnicott, *A criança e o seu mundo* (pp. 214-224). Rio de Janeiro: LTC, 2017.
- Winnicott, D. W. (1962a). Enfoque pessoal da contribuição kleiniana. In D. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 156-162). Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- Winnicott, D. W. (1962b). Moral e educação. In D. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 88-98). Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- Winnicott, D. W. (1968). O aprendizado infantil. In D. Winnicott, *Tudo começa em casa* (pp. 137-144). São Paulo: Martins Fontes, 1999.